

## ANANIAS PEREIRA DE SOUSA

*Ananias Pereira de Sousa nasceu em Acajuciba, distrito de Esplanada, Bahia, em 1943. Filho de pais agricultores, freqüentou, somente por um ano, uma escola não oficial, que funcionava na casa da professora, saindo para auxiliar os pais na lavoura. Veio jovem para São Paulo, onde completou o Primário na Alfabetização de Adultos do SESI. Cursou o Ginásio na Escola Romão Puiggari e fez o Colegial na Escola Comercial Barão de Mauá. Depois de trabalhar na área de contabilidade, voltou à Romão como Inspetor de Alunos. Cursa Faculdade de Matemática e sonha ser professor nessa mesma escola. É cantador, atividade que realiza com as crianças da escola durante os recreios.*

### **Identificação do depoente**

Meu nome é Ananias Pereira de Sousa. Nasci dia 16 de dezembro de 1943, numa cidadezinha que o nome é Acajuciba, município de Esplanada, no Estado da Bahia, e vim pra São Paulo. Saí de casa no dia 20 de março de 61, e estou em São Paulo esse tempo todo aqui há 40 anos.

### **Infância do depoente**

Era uma cidadezinha muito pequena, mas muito pequena mesmo, nem cidade era. Não tinha autonomia política, era comarca de Esplanada, então os casos que aconteciam tinham que ser resolvidos em Esplanada. Agora hoje já está bem desenvolvida.

Eu brincava de tanta brincadeira, corre, pega-pega, esconde-esconde, bandido, caçar passarinho, corria a cavalo, brincadeira de roda no terreiro, empinar balão, pipa. Gangorra, balanço, bola de gude, cavalo de pau, a minha brincadeira predileta, da qual eu era especialista, era jogar pião.

Eu jogava pião até cair no chão, aparava na mão. Até na unha meu pião rodava, minha unha era até furada do prego do pião. Pegava, jogava o pião, aparava na mão, depois jogava na unha, na copa do chapéu. Acho que nem me lembro de todas essas brincadeiras que eu brinquei. Foi uma infância, porém, de menino pobre, mas uma infância de uma certa forma feliz.

Então, eu nasci num ambiente propriamente poeta, poético. Porque o povo lá é poeta até na morte. Lá o sapo canta, o grilo canta, a cigarra canta, os passarinhos cantam, o galo canta, os galos adormecem o povo à noite com o seu cantar, né? E... o povo também tudo é poeta, tudo o que se faz é cantando. Tem aqueles mutirões para trabalhar na roça, na lavoura, é cantando. A farinha\* se faz cantando, andando pelas estradas cantando, aquela coisa, então, me criei assim, criei nessa vontade de cantar, cantar por

prazer. Aí, quando a gente vai embora assim fazer aquelas farinhadas ou pescaria, vai cantando pelo caminho.

Naquela época, da geração do meu pai, existiam na nossa vizinhança quatro pessoas que sabiam ler e escrever: uma era minha professora, a outra era o meu tio em quem me inspirei, porque ele cortava o cabelo aos sábados e domingos. Aquele povo todo ia pra lá cortar cabelo e, depois de cortar cabelo ele lia. Ele tinha uma caixa cheia de livros de literatura de cordel e ele lia aqueles livros, de literatura de cordel\*, aquelas histórias de príncipe encantado, mais ou menos um filme de “caubói”, aquelas coisas. O espírito é o mesmo e aquele povo tudo boquiaberto. Meu tio era visto como um homem letrado. Aí eu pensei: “Quando eu crescer tenho que ser sabido igual ao meu tio”. Aí me inspirei no meu tio, essa vontade de estudar para ser igual a ele, sabido. Então, tinha mais dois vizinhos lá. Eram só quatro pessoas, ali na nossa vizinhança, da geração do meu pai, que sabiam ler e escrever.

E foi em 1954, quando começaram a vir os primeiros conhecidos para São Paulo, pois a safra foi ruim, não choveu, não tinha o que fazer. Eles vinham para São Paulo procurar meio de vida. Estando em São Paulo, mandavam todos os meses uma carta para os pais, que iam para minha casa pra eu ler as cartas. Ler as cartas e escrever a resposta pros filhos. Eu lia as cartas, algumas davam trabalho, encontrava certa dificuldade eh... a maneira como escrevia, sabe, que eu não vou falar, costuma dizer... garrancho, né? aquela dificuldade toda, sem pontuação, sem nada, letra, sei lá, mas eu como conhecia a linguagem, né? Como eu conhecia a linguagem, então eu entendia, uma vez até por intuição eu entendia o que é que era, tal, lia primeiro só para mim, tal, depois dava um jeito e lia as cartas, depois escrevia as respostas. Alguns me davam uns troquinhos para eu comer doce (risos), outros não davam nada...

Meus pais trabalhavam na roça, na lavoura. Plantavam feijão, milho, amendoim e fumo. A principal, a lavoura mais rendosa era fumo, inclusive quando eu vim pra São Paulo foi uma saca de fumo que eu fiz. Com 17 anos eu plantei uma erva de fumo, uma saca de fumo e fiz 10 arrobas, vendi a um conto de réis, naquele tempo um conto de réis era mil cruzeiros. Com isso daí eu fiz 10 mil cruzeiros e com esse dinheiro eu vim pra São Paulo.

### **Formação: Escola Rural**

A escola da cidade eu não sei como que era porque eu não freqüentei. Eu aprendi a ler numa escolinha na roça, que a professora não era formada. Não era escola oficial, ela sabia ler, escrever, fazia umas continhas, e ela ensinava pra quem quisesse aprender. Meu pai começou pagando no ano que eu estive na escola 5 mil réis por mês. Dona Elisinha. Elisa Alves de Carvalho. Morreu com 100 anos o ano passado.

A gente ia cedo pra escola e voltava tarde, então era o dia inteiro. Chegava às 7 e meia, 8 horas, e saía às 5, 6 da tarde. A escola era na casa da professora.

### **Escola Primária: Relação Professor-Aluno**

Dona Elisinha era boa gente, era boa pessoa, era meia brava com os alunos indisciplinados, e como todos os alunos aprontavam... Uma certa vez nós saímos na hora do recreio, depois que fazia a refeição a gente tinha uma hora de intervalo, aí a gente saiu pra tomar banho no rio. O tempo foi passando, nós tomando banho, o tempo foi passando, quando nós chegamos, as meninas já estavam todas estudando, porque os meninos foram todos. Aí, então, cada um ganhou meia dúzia de bolos, aquela palmatória dessa grossura feita de ipê, que até hoje eu lembro.

A palmatória era uma roda de madeira, com a espessura mais ou menos de um dedo. Redonda e com um suporte que prendia, era feita de um pau inteiriço. Fazia uma espécie de circunferência com um cabo e aquele cabo era pra professora segurar e pegar na mão pra aplicar o bolo na mão do aluno indisciplinado. Doía muito. Tinha um orifício do lado que fazia o impacto na palma da mão, e aquilo ali quando batia a pressão chupava o couro da mão e aquilo ali ficava por um bom tempo vermelho. Aquela poça de sangue no lugar.

A professora usava só nos casos muito graves. Fiquei um ano na escola, só levei essa meia dúzia de bolos uma vez só.

### **Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino**

Para aprender a ler, o método era assim, primeiro aprendia o ABC, então tinha um ABC com todas as letras, maiúsculas, minúsculas. Primeiro ensinava a falar. A, B, C, D, E, Fe, Gue, H, I, Ji, Le, Me, Ne, O, P, Q, Re, Si, T, U, V, X, Z. Por isso que Luiz Gonzaga\* fez a música “No meu sertão pro caboclo ler ele tem que aprender um outro ABC, o G é Gue, o N é Ne, o L é Le, o J é Ji”. Então aprendi, depois de cantar muito tempo isso daí, cantava e ia mentalizando. Depois de um certo tempo, a professora pegava um papel, fazia um orifício e cobria uma letra. Aí perguntava: “Que letra é essa?” Quando a gente já conhecia as letras todas, então começava a juntar as letras. Aí ela dizia que chamava “*assuletrar*”: B A ba, B E be, B I bi, B O bo, B U bu, Le A la, Le E le, Le I li, Le O Lo, Le u Lu, e aí fazia isso cantando. Depois que a gente sabia juntar letra, então agora começava a juntar as sílabas, B A ba, não é bá? Baba. Be A ba, ta, bata, B A ba, T a ta, ta, batata. B O bo, B O bo, bobo, então esse era o método. Depois o próximo passo seria é minúsculas, depois as escritas à mão, porque até então era letra de forma. Depois que você domina tudo isso, então agora vamos aprender, vamos aprender a escrever. Bom, então agora vamos cobrir letra. Ela escrevia a lápis e a gente com a pena. Depois que tinha todo esse domínio, agora poderia escrever, agora nós vamos escrever.

Também aprendi a fazer contas. Contar, fazer contas, tabuada. Tabuada primeiro começava com o mais, um mais um dois, dois mais um três, um mais três quatro, até dez. Depois de vezes, e a gente entoava, quem passava na estrada ouvia “duas vezes um dois, duas vezes dois quatro, duas vezes três seis, duas vezes quatro oito, duas vezes cinco dez, nove fora um, duas vezes seis doze, nove fora três, duas...” até dez. Então a gente sabia o resultado, o

produto da multiplicação, e os nove fora, por que do dez pra lá a gente ia falando, se fosse dez nove fora um, onze nove fora dois, doze nove fora três, treze nove fora quatro, e por aí vai. Dia de sexta-feira existia uma coisa chamada argumentação, espécie de sabatina. Antigamente existia sabatina, que é uma recordação daquilo que se estudava durante a semana. Então no sábado se fazia uma avaliação, chamava sabatina porque era no sábado, daí o nome sabatina. A professora Elisa Alves de Carvalho sentava numa cadeira ou num tamborete, bancozinho, a palmatória ali do lado e os alunos todos em círculo. Chamava-se argumentação. “Vamos ver agora quem é quem, vamos ver quem é e quem não é”. Então ela ia perguntando: “Oito vezes oito?” Tinha que responder ao pé-da-letra, tinha que ser rápido: “É sessenta e quatro, nove fora um”. Porque seis mais quatro dez, nove fora, menos nove tira os nove fora dá um. “Nove vezes nove oitenta e um. Oito vezes seis, oito vezes sete, cinquenta e seis, sete vezes nove sessenta e três...” Porque se não respondesse e começasse titubear e a esgotar seu tempo pra dar resposta, ela perguntava pro outro, se o outro respondesse, palmatória. Se um estivesse com bronca do outro que acontecesse isso aí, coitado! Então era assim, eu aprendi com Dona Elisa Alves de Carvalho foi ler um pouco, escrever e fazer contas. Ela não sabia também mais do que isso pra nos ensinar, mas graças a Deus serviu muito, Deus que a tenha, me serviu de guia pela estrada da vida pra ir pra São Paulo. Se tivesse chegado aqui naquele tempo e não soubesse o pouco que ela me ensinou, não sei como eu teria me virado.

Tinha menino e menina na escola, só que as meninas sentavam separadas.

### **Escola Primária: Material Escolar**

Para cobrir letra, a professora escrevia a lápis, e o aluno cobria com pena de metal com tinta. Molhava a pena num tinteiro e molhava também as roupas da gente, as mesas, era tudo sujo de tinta. Aquilo ali cai mesmo. E não tinha esse negócio de carteira, tinha uma mesa grande, que ela colocava no centro da casa, e os bancos, e a gente tudo sentava em volta. Pra limpar a gente dava um jeito. Enxugava no papel, uma coisa assim. Não tinha mata-borrão.

Não tinha quadro também. Existia um quadro pra gente escrever, fazer contas, continhas, uma coisinha pequenininha, a gente chamava de pedra, que era um quadrinho pequeno. E tinha lápis de pedra que riscava esse quadrinho. A pedra também era preta. Só que o que a gente escrevia saía branco. Era assim.

### **Vinda para São Paulo**

Eu vim para São Paulo porque esses vizinhos que tinham vindo antes começaram a voltar contando as grandezas de São Paulo, contando as belezas, as coisas deslumbrantes que aqui existiam, dinheirão que corria, que se juntava dinheiro com rodo. Eu lia também muito de literatura de cordel\*, as belezas das cidades, os príncipes encantados, o rei. Eu comecei, na qualidade menino sonhador, a sonhar também com a cidade, uma vida diferente, uma vida iluminada, cheia de beleza, de futebol. Aí comecei a criar no meu coração o desejo também de crescer para vir para São Paulo. Depois, quando cheguei aos 15, 16 anos, comecei a ficar rapaz, precisava sonhar uma vida melhor,

diferente. Como nós não tínhamos recursos, a gente se matava tudo, e não conseguia nada porque não tínhamos terras suficientes, não tínhamos maquinaria, não tínhamos dinheiro para investir, então era difícil. Eu entendi que lá em São Paulo a vida seria bem melhor para mim, e também a vontade de estudar e aprender alguma coisa, ser alguma coisa. Então, com esse sonho foi a razão pela qual eu vim para São Paulo.

A visão na chegada não foi nada boa. Desci no Brás, no Largo da Concórdia. Estava fazendo frio, eu não trouxe roupa de frio, não trouxe dinheiro, não trouxe endereço de ninguém, não vim para a casa de ninguém. Quando desci só vi casa estranha, não vejo, não encontro um só amigo, uma pessoa amiga. Eu vi que era uma coisa fabulosa, Nossa Senhora! Quando o caminhão estancou ali em Guarulhos, eu vi aquele mundaréu de cidade; eu já tinha ido a Salvador, mas São Paulo era aquela coisa que a gente tinha na cabeça, um mundo imaginário, uma coisa encantada, aquela ansiedade para se deparar com São Paulo. Então, primeira coisa que eu vi em São Paulo.

Naquela noite eu dormi na rua. Com o dinheiro que eu tinha, noventa cruzeiros no bolso, eu comi um prato feito com cinqüenta, fiquei com quarenta. Aí fiquei pela rua. No outro dia, aí por muita sorte encontrei com um conhecido. Ele me levou para a casa dele, aí começou a melhorar, pelo menos agora já não estava sozinho. E já não vou ficar na rua. Ele me deu uma força e tal, e eu fui ajeitando a vida. Dificuldade daqui, dali, fui tirar documentos, aí eu vinha para a cidade tirar os documentos e eu não conhecia nada. Fui morar na Vila Maria. Aí precisava vir até a cidade tirar o documento, rua Barão de Paranapiacaba, Praça da Sé, “eu vou saber onde é isso?” Aí a pessoa lá me informou como tomava ônibus, o ponto final na Sé, mas eu não tinha ninguém para vir comigo, e também não tinha dinheiro para estar andando de ônibus pra lá e pra cá. Naquele tempo existia bonde, existia um bonde fechado, igual ao ônibus. Tinha que entrar, passar pela catraca e pagar a passagem. E tinha um outro ônibus que era aberto. As pessoas viajavam de pingente. E tinha um cobrador que recebia, um cobrador que se chamava motorneiro. Quem conduzia o bonde era o condutor. Quem cobrava era o moço que chamava motorneiro. E ele, conforme ia recebendo, ia batendo uma sineta para marcar a passagem que ele recebia. É claro que ele não devia marcar todas, não era tão bobo assim. Bom, só que era aberto e ele vinha lá e começava a cobrar de lá, da parte dianteira do bonde, e vinha vindo. O que é que eu fazia? Para não pagar a passagem, eu tomava o bonde longe de onde ele estava. Pegava e ficava no pingente lá na traseira do bonde. Conforme ele vinha vindo, vinha vindo, vinha vindo, quando ele ia chegando perto de mim eu descia... Bom, esperava outro até chegar na Praça da Sé. Aí perguntava aqui, ali, sabia ler, ia perguntando, perguntava aqui, ali, até chegar onde pretendia.

### **Formação: Alfabetização de Adultos**

Eu já tinha aquele desejo de estudar. Porque eu queria conhecer, saber das coisas. Queria ser alguma coisa. Queria fazer o curso de torneiro mecânico e trabalhar para mim. Eu trabalhava numa padaria. Trabalhava sábado, domingo, feriado, não tinha tempo para lazer nenhum. Era aquela vida muito

cativa, muito sacrificada. E eu queria uma vida melhor, que eu ganhasse, mesmo que eu não ganhasse lá muito, mas pelo menos que eu tivesse sábado, domingo livre para poder passear, jogar bola, namorar. Aí eu fui fazer o curso de torneiro mecânico no SENAC\*. Mas precisava ter o diploma do grupo. Aí eu procurei uma escola que eu pudesse fazer o Curso Primário para conseguir diploma de quarto ano. Aí foi quando encontrei a dona Maria Aparecida Guimarães, que hoje é diretora da escola onde eu trabalho, Romão Puiggari. Aí contei a minha história. Ela falou: “Você não vai acompanhar a quarta série, eu vou lhe pôr na terceira”. Eu falei: “Preciso fazer a quarta porque eu quero o diploma para fazer o curso torneiro mecânico”. Ela falou: “Então eu vou lhe matricular na quarta, se você não acompanhar eu lhe volto para a terceira, se precisar até para primeira”. Aí eu entrei na quarta, acompanhei e foi uma beleza.

### **Leituras**

Antes eu lia. Mas não conhecia a pontuação. “Olha, essa é a vírgula, você tem que fazer uma pausa; se tiver um ponto de exclamação, você tem que exclamar; se tiver uma interrogação, você tem que interrogar”.

Ah... sempre, sempre gostei de ler. Gostava da literatura de cordel\*, romance, política. Uma obra que me marcou foi Palavras Cínicas, de Albino Forjaz\*. Esse livro me marcou muito. Até hoje não me sai da cabeça.

Era um curso de alfabetização de adultos. Ficava na rua Marajó, no Brás, ali próximo da estação de metrô, terminal Bresser. A dona Guimarães passava matéria lá na lousa. A gente copiava, aí depois ela explicava. Os ditados, ela ia ditando e a gente ia escrevendo. Tinha também cópias de livros. Quando aparecia assuntos em jornais, ela fazia comentário, assuntos de jornais, acontecimentos, um episódio como o de 11 de setembro, Estados Unidos. Aí ela ia fazer um comentário. Na parte da Matemática, ela dava os problemas na lousa. Depois resolvia. Se a gente não conseguisse resolver, ela resolvia, explicava vários caminhos.

Quando chegou o meio do ano, época de fazer inscrição para o exame de admissão\*. Havia necessidade de fazer exame de admissão para entrar no Ginásio. Quem não tivesse acabado o quarto ano precisava de uma declaração para poder fazer a inscrição. Aí eu falei: “Eu não quero estudar porque estou velho. Preciso fazer só a quarta série para fazer o curso de torneiro mecânico”. Aí a dona Guimarães falou: “Que nada, você é um rapaz jovem, com essa inteligência toda, essa vontade, cheio de vida, que velho o quê!”. E os outros companheiros começaram também a me incentivar. Aí ela me deu a declaração que eu estava terminando a quarta série e eu fui naquela escola mesmo onde eu trabalho hoje, Romão Puiggari, fiz a inscrição para prestar exame de admissão. Prestei e passei, com 9,3 de média. Em 1970 comecei a fazer o ginásio.



Prédio da Romão Puiggari, quando denominava-se Primeiro Grupo Escolar do Braz. Fonte da foto: 3a. Conferência Nacional de Educação: 7 de Setembro de 1929. *Estado de São Paulo: Edifícios Escolares.* São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1929.

### **Formação: Ginásio**

Na Romão Puiggari era um nível de ensino forte. O prédio é aquele mesmo, só que ele era todo deteriorado, velho. Agora ele foi reformado, tá todo bonito, mas naquele tempo era todo velho, todo caindo, todo pichado.

A Romão fica num bairro que tem um corredor e muitas ramificações. Então estudavam pessoas de várias localidades, das vilas, uma comunidade heterogênea. Às vezes a pessoa mora em Mogi das Cruzes, mas trabalha aqui. Então, o que ele faz? Vem trabalhar e traz o filho, porque aí já deixa o filho, quando sai já pega o filho e vai embora para casa. Estudavam pessoas que moravam nas vilas, em Pinheiros, Cambuci e outros bairros.

Tinha moças e rapazes.

### **Ginásio: organização, currículo e métodos de ensino**

Tinha Português, Matemática, Geografia, História, Francês, Educação Musical, Desenho, Desenho Geométrico e Prática de Comércio, era isso. O que eu mais gostava era Matemática, quem dava era a professora Leonor, na primeira e segunda série. Na terceira e na quarta série, professor Sílvio de Alvarenga Galdino. Geralmente a dona Leonor era mais aula ministrada, agora o professor Galdino era mais estudo dirigido. Ele só fazia um esboço, explicava o ponto, dava as ferramentas como se trabalhar e depois ele formava grupos e mandava estudar em grupos. Adotava livro didático de Scipione di Piero Neto, Matemática na Escola Renovada, e escalava os exercícios que queria que fizessem. E ele dizia: “Se aprende Matemática fazendo Matemática. Ninguém aprende a nadar no seco. Então nada adianta eu chegar aqui, resolver os exercícios, e vocês só copiarem. E tem aqueles que nem copiam, esperam o colega copiar e depois pega o do colega emprestado para copiar. Não, vocês vão ter que fazer. Depois nós vamos corrigir. Aqueles que vocês não conseguem fazer, aí eu vou resolver para vocês, mas eu quero que façam”.

Então, exigia que se entregasse o exercício, dava ponto. De vez em quando ele passava exercício na lousa e falava: “Quem fizer isso daqui certo, eu dou meio ponto”. Então, se a gente acertasse, fosse na lousa, explicasse direitinho, ele dava meio ponto.

Se trabalhava com livros didáticos, às vezes líamos jornais, quando apareciam esses assuntos que tinham a ver com a gente. Um aluno lia, os outros comentavam. Aí ficava ouvindo um e outro, discutia. Era assim.

### **Formação: Colegial**

Eu terminei o Ginásio e eu pretendia fazer o Colegial. Mas quando concluí o Ginásio, em 1970, o senhor Jarbas Passarinho, que era o Ministro da Educação, baixou um decreto que quem fosse maior de 15 anos não poderia fazer o Colégio de Estado. E quem fosse maior de 20 anos, não podia também fazer o Colegial, que era o Segundo Grau\* de hoje, em colégio do Estado. Aí, eu procurei uma escola. Falei: “Já que eu vou ter que pagar, eu vou fazer um curso profissionalizante”. Aí eu fui fazer técnico em contabilidade. Foi no Colégio Comercial Barão de Mauá.

Eu gostava de contabilidade também. Não estou exercendo, mas gosto porque é uma vocação que eu tinha. Naquele tempo, contador chamava guarda-livros. Fiz o técnico em contabilidade e depois trabalhei em escritório de contabilidade por um bom tempo.

### **Trabalhar como Inspetor de Alunos**

O tempo passou e eu comecei a sentir a necessidade de seguir uma carreira, trabalhar numa instituição pública, porque os campos começaram a se estreitar. Para as pessoas assim de uma certa idade começou a ficar difícil, aí eu precisei arrumar um trabalho público. Aí falei: “Trabalhar de inspetor de alunos é muito pouco para mim, eu sonhei com muito mais”. Mas apareceu esse concurso para Inspetor de Alunos e eu prestei. Prestei, passei com uma certa facilidade e já que eu moro aqui vou trabalhar no Romão, porque foi onde eu estudei.

Pensei: “Eu vou sentir assim uma certa sensação, um reencontro. Morei aqui de 1962 até 1965, minha mocidade foi aqui. Eu vou trabalhar no Romão, é um reencontro com o passado. Na mesma sala onde eu estudei, vou entrar para conversar com os alunos e se Deus quiser um dia ainda vou dar aula ali também na mesma sala onde eu fui aluno. Tenho que ser professor”. Eu entrei no dia 3 de setembro de 1992. Voltar foi uma questão de honra, questão de emoção.

Eu era Inspetor de Alunos\*. Agora eu sou Agente de Organização Escolar\*. Não tem diferença nenhuma, só o nome. Nas minhas atribuições devo controlar a entrada dos alunos na escola, tratar da disciplina, auxiliar os professores, auxiliar a administração onde for possível, prestar primeiros socorros no caso de aluno que se machuca, acompanhar ao hospital quando



for o caso. De uma forma geral, é colaborar com a administração e com a direção da escola.

Os alunos de hoje são diferentes dos do meu tempo. Porque no meu tempo eles queriam ver o diabo e não queriam ver o Inspetor de Alunos\*, tinham medo. Com professor também, professor entrava na sala de aula, todo mundo se levantava, era o cumprimento ao professor. Aí, quando o professor mandava, todo mundo sentava. Se a diretora entrasse na escola, meu Deus! E hoje eles não estão nem aí. São muito rebeldes. Não é que eles são rebeldes, o mundo que nós vivemos é que os faz rebeldes. O pai trabalha, a mãe trabalha, não têm tempo para conversar com os filhos, dificuldade daqui, eles ficam falando o que eles vêem na televisão, aquilo eu não via. Eles vêem crime, então criança desprovida de entendimento procura imitar, fazer o que vê os adultos fazer. Eu digo: “Eu fiz tudo que vocês fazem, só não fiz uma dessas coisas de agredir, de brigar, faltar com o respeito”.

Eu desenvolvo um certo trabalho que eles sentem saudades de mim. Eles não têm medo de mim. Quando eu chego na escola eles vêm e me encontram: “O senhor não veio por quê?”

Os professores também mudaram. Às vezes eu fico falando: “Puxa vida, quanto valor se dava às professoras de antigamente”. Professor tinha um valor, até hoje em algumas partes do mundo, por exemplo, no Japão, o imperador só tira o chapéu para duas classes de pessoas: os estadistas e diplomatas estrangeiros e para os professores. Então, no tempo que eu estudei quando você via uma pessoa bem arrumada, toda chique, jóias e tudo, dizia: “É professora pública”. E a escola pública era escola boa. Quem não conseguisse, se repetisse dois anos consecutivos a mesma série era jubilado, não podia mais estudar em escola pública. Aí tinha que procurar uma escola onde pudesse estudar. Aí começou a aparecer esses cursos de madureza\*, o supletivo de hoje, tinha um curso de madureza muito famoso chamado Santa Inês. Então a pessoa que estudava na escola particular não era visto com bons olhos. Ou era mau elemento, ou era incompetente, ou tinha dificuldade. Porque não conseguiu estudar na escola pública. Hoje é o contrário. A particular é que é a boa, pelo menos é vista como a boa, e a pública é só para quem não pode, não tem outro jeito mesmo. O professor naquele tempo trabalhava todo chique, mesmo que trabalhasse à noite, tinha que usar uniforme, um avental branco, e os professores também, um avental escrito o nome e a disciplina. Hoje os professores vão de qualquer jeito, ninguém diferencia quem é professor, quem não é. Quanto à mudança na dedicação, quanto ao zelo pela profissão, o amor, o comprometimento, não sei.

### **Escolha Profissional**

Quero ser professor na mesma sala onde fui aluno. Estou tentando, vamos ver se eu consigo chegar. Quero ser professor porque acho uma coisa sublime ensinar. Eu acho que ensinar é sublime, orientar é divino e conviver com alunos é gratificante.

A gente convive com eles, tem brigas, grita, orienta, dá conselho. Você orientar alguém para o bem preenche o ego, causa aquela satisfação, como causa satisfação quando a gente faz um favor para alguém. A gente vê alguém numa situação difícil, vai lá e ameniza, orienta e resolve. Depois um dia eles vão embora, vão para outra escola ou vão cuidar da vida e um belo dia a gente encontra eles na rua, agora homens: “Vamos tomar um café, um pouquinho de cerveja”. Aquilo ali preenche o ego da gente. E depois o prazer de ensinar Matemática, para mim, quando eu estou em frente a uma lousa, ensinando Matemática para alguém, é a mesma coisa que estar no céu. Um prazer, um prazer supremo.

### **Futuro da Escola**

A escola serve para formar o cidadão. Não sei com palavras próprias, mas se eu usasse aquela filosofia de Pitágoras\*, diria: “Quando soubermos educar os meninos, não vai ser preciso punir nem castigar os homens...” Só que não sei se nós estamos tão empenhados assim, a humanidade está tão empenhada para educar os meninos. Os homens se preocupam, sim, em criar leis, para depois punir os homens. Mas educar os meninos, não sei, se eu tivesse o poder na mão, o poder absoluto, eu saberia como educar os meninos.

Criaria uma escola onde para o aluno, a criança, fosse um mundo encantado. Que ele sentisse feliz em estar na escola. Uma escola equipada não só de professor, lousa, giz, lápis, caderno, mas uma escola que tem quase de tudo o que a criança precisa, que nem só de pão vive o homem, falou Jesus. Mais do que outra palavra, saiu da boca de Deus. Então eu acho que o aluno não vive só de aula, de grito, de repreensão, de caderno, precisa ter o lazer.

E nas escolas públicas de hoje se encontra pouca coisa em matéria de lazer. Eu fico às vezes pensando, se eu pudesse assim fazer um negócio, tem que ter carrossel, balanço, escorregador. Depois do lanche, brincar mesmo, extravasar as energias e voltar para a aula com a cabeça leve, para poder, nas férias, sentir saudade da escola.

O juízo de valor diz como a vida deve ser e o juízo de realidade diz como ela realmente é. Infelizmente, a vida é assim. Enquanto a senhora vê indivíduos ganhando 2 milhões de dólares para jogar bola e haver além da vida de rei o endeusamento, outros não podem desenvolver suas capacidades intelectuais por falta de algumas míseras, de alguns míseros reais. E um professor que espalha riqueza. O progresso da nação está na mão dos professores, a formação dos cidadãos, e o professor ganha aí mil reais, quando ganha mil reais. Um médico, que salva vidas, ganha dois mil reais. Um engenheiro, um agrônomo, que enche os pratos da nação de arroz e feijão e outras substâncias indispensáveis à vida, é doído, isso é doído. Então, eu trouxe esse constrangimento já na infância, porque como eu já falei, estudei na escolinha que não era oficial, e com onze anos, quando fui para a escola, em 1964, eu tive que fazer o primeiro ano. Quando eu estudei um ano meu pai me tirou da escola. Começava a trabalhar na roça para ajudar a criar os mais novos, porque eu era o mais velho, o braço direito dos meus pais. E eu via, quer

dizer, existia a escola oficial, mas numa cidadezinha. E eu via aquelas crianças lá tudo fardada, uniformizadas, a professora toda de branco lá, conversando com eles, cantando os hinos pátrios, o Hino Nacional, o Hino da Bandeira. Às vezes em dias festivos, dias cívicos, 7 de setembro, 21 de abril e assim por diante, desfilando pela cidade e tal, e eu ficava perguntando: “Por que é que eu não tenho isso aí?” Então eu começava a me sentir que não fazia parte daquele mundo, aquele mundo ali era outro. E eu não tinha entendimento para saber por que é que era. Porque os meus pais, naquele tempo, o que eles explicavam para a gente era isto: que pobre era diferente do rico. O mundo do rico era um e o mundo do pobre era outro. E isso me causou um certo constrangimento, depois é que eu vim entender o porquê, não é? Agora não tenho mais esse constrangimento quanto àquilo, mas só depois a gente começa a crescer, começa a entender o porquê é que existe tudo isso que separa uns dos outros, mas que é doído, é. Se a pessoa não tiver um equilíbrio, por isso que acontece essas coisas no mundo: terrorismo. Eu não sou a favor do terrorismo, jamais, mas é uma forma para a pessoa protestar. As coisas, as injustiças sociais que existem no mundo. Mesmo porque se quem pagasse por essas coisas fosse realmente os culpados, o pior é que quem não tem nada a ver com o peixe paga o pato.

A mudança do mundo, a civilização de um povo, o progresso de um povo depende da escola. Uma pessoa deixar de estudar porque falta, porque não pode custear, o Estado não dá condições, é pior, na minha visão, do que se uma enxurrada carregasse todo o ouro existente no banco da nação.

### **Cantos e Poemas do depoente**

“Meu violão é meu amigo. Nada nos separou.  
Hoje eu amarro contigo a saudade que ela deixou.  
Fiquei entre a cruz e a espada,  
quando ela desesperada obrigou-me a escolher,  
e agora meu dilema persiste.  
Viver sem ela é tão triste, sem ti não posso viver”.

Na minha terra é assim, sabe? Durante a noite o povo vai tudo para aquela casa ali.

“Mariazinha debruçou-se sobre a janela”. Isso me dá uma saudade, sabe? Lembrança da terra, como todo mundo quando deixa sua terra querida, seu berço, por um bom tempo fica sonhando, comigo não foi diferente. As coisas que deixou, as raízes, o pé de cajueiro, a fonte onde pegava água, tomava banho, o mato, a capoeira, a floresta, a caatinga onde se caçava passarinho, armava arapuca, o rio onde tomava banho.

Tudo isso, a escola onde se estudou, as primeiras namoradas da escola, não me sai da minha cabeça. Aí um dia eu estava em casa dormindo, sonhei, sonhei tudo aquilo. Acordei, esquentei o bule de café, peguei o caderno,

comecei a escrever. Pedi permissão a Deus, primeiramente, comecei a escrever. Começou a vir na cabeça, eu fui escrevendo.

“Santo Deus onipotente... no momento em que o sol ia a terra abandonando”. Abandonando não, porque o sol não abandona a terra, o sol ia morrendo no horizonte, né? Mas aí a gente fala que vai abandonando, o sol ia se pondo, como se fala, né? Então ia morrendo no horizonte: “Parei, fiquei olhando...”

Então, aí como vocês sabem, cheguei emocionado no Romão Puiggari, alguma coisa sobre a escola, sobre a fundação da escola.

### **Formação: Faculdade**

Comecei a fazer esse curso de Matemática, já interrompi ele por três vezes e eu não sei se eu vou concluir. Pelo menos esse semestre eu vou concluir. O ano que vem eu não sei o que vai ser, por dificuldade financeira. Isso aí causa constrangimento. A cabeça humana, eu comparo a cabeça humana a uma cachoeira, uma queda-d'água, que fica ali aquela energia mecânica que é transformada em energia elétrica e que podia gerar tanta riqueza quanto progresso. No entanto, se não for construída uma usina ali, começar a rodar as comportas e transformar aquela energia da água em energia mecânica, energia elétrica, vai ficar ali uma energia podre. Aconteceu no Nordeste, já pensou? O Nordeste, antes da construção de Paulo Afonso, era uma região muito pobre, naquele tempo, então, eu tinha pena, eu tinha dó, ver aquele povo, aquele povo sofrido. Com tudo que foi construído, a barragem, a cachoeira de Paulo Afonso, o Nordeste começou a se desenvolver. Então, hoje quem viu o Nordeste há cinqüenta anos atrás, e chega hoje lá, diz: “Não é este lugar aqui”. Então, com a cabeça acontece a mesma coisa. Cheio de cabeças pensantes, de riqueza intelectual desperdiçada por falta de meios, esse Brasil está cheio. O Brasil é terra de gente mais talentosa do mundo, inclusive tenho muito orgulho de ser brasileiro. Não tem condição de muitos ficarem com essa energia perdida por causa de algumas, por falta de algumas míseras centenas de reais. Isso me causa um certo constrangimento. Eu encaro a vida do jeito que ela é, e não como deveria ser, quer dizer, o juízo de valor e o juízo de realidade, separo uma coisa da outra.

### **Glossário**

#### **Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio**

Nasceu em Lisboa, a 19 de janeiro de 1884. Começou sua carreira literária como jornalista no periódico “A Lucta”, sob o patronato de Fialho de Almeida e Brito Camacho.

Seu percurso literário teve duas fases distintas: no início, seu estilo era aproximado ao jornalismo, incorporando a resposta rápida, o falar da rua, do submundo de Lisboa; na segunda fase de sua carreira, procurou legitimar essas características com formas arcaicas e coloquialismos de origem erudita, que foi encontrar em suas investigações sobre o antigo teatro popular.

O escritor desenvolveu uma linguagem própria, inventando inúmeros neologismos e passando para o papel uma série de vocábulos coloquiais, que muito contribuíram na construção do humor que os seus escritos patenteavam. Autor de várias obras, publica *Palavras Cínicas* em 1905, aos 21 anos de idade. *Palavras Cínicas* é um livro composto por oito cartas enviadas a um amigo. Cada carta constitui um capítulo, no qual são abordados vários temas, desde os pecados capitais até uma crítica à crença em Deus.

Uma descrença total em relação à vida e à humanidade permeia o livro, e não existe ali nenhuma frase que enalteça o ser humano; pelo contrário, a cada parágrafo o conselho dado pelo autor aos seus leitores é que sejam canalhas.

Com sentenças fortes e palavras agressivas, Forjaz aventura-se a falar sobre obscuridades da alma humana, talvez conhecidas por todos mas ocultas pela hipocrisia social ou pela falta de consciência.

Esse talvez seja um dos mais odiados livros já escritos, justamente por apontar de forma crua e clara, com todas as palavras, as deformidades do espírito humano.

**Fonte:**

- [www.geocities.com/hugo\\_xavier/albino\\_forjaz\\_sampaio](http://www.geocities.com/hugo_xavier/albino_forjaz_sampaio)

**Curso de Madureza**

Surgiu em 1945, com a “Campanha Nacional da Educação de Adultos”, pelo Governo Federal, preocupada com a população adulta sem escolaridade ou dela excluída. Eram cursos populares noturnos, que funcionavam nos Grupos Escolares e regidos por professores treinados e voluntários, que atendiam alunos a partir dos 16 anos “Madureza Ginásial” e 19 anos “Madureza Colegial”. Em 1969, passaram a ser organizados pelo sistema estadual, que realizava exames duas vezes no decorrer do ano.

Devido ao crescimento da demanda por cursos de primeira à quarta série, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo criou o serviço de Educação Supletiva, subordinado à Divisão de Orientação Técnica do Departamento de Ensino Básico, que tinha uma Equipe Técnica encarregada da planificação, coordenação e supervisão dos exames unificados. Posteriormente, em 1976, foi criado o Serviço de Ensino Supletivo e o Serviço de Exames Supletivos. O primeiro com a finalidade de orientar cursos supletivos, ficou ligado à Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da SEE, e o segundo, responsável pela organização de exames supletivos de educação geral e profissionalizante, ficou ligado ao Departamento de Recursos Humanos (DRHU) da mesma Secretária.

**Fontes:**

- Conselho Estadual de Educação
- [www.life.fae.unicamp.br](http://www.life.fae.unicamp.br)
- Exame de Madureza: Relatório 1969 – 1970. Brasília: MEC, 1970

## **Exame de admissão**

Os exames de admissão, destinado a testar se o aluno estava apto a passar para o próximo nível, eram largamente empregados na época em que o ensino fundamental de 1ª a 8ª série era dividido em primário (1ª a 4ª) e ginásio (5ª a 8ª). Era aplicado ao aluno que havia concluído a 4ª série primária, a fim de verificar se estava apto a prosseguir na 5ª série, ou primeira do ginásio.

### **Fonte:**

- AZANHA, José Mário Pires. *Educação: alguns escritos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987.

## **Farinhada**

Processo manual de produção da farinha, que utilizava predominantemente a mão-de-obra familiar, incluindo o trabalho infantil.

As famílias se reuniam na “casa da farinha” e, enquanto realizavam o trabalho, conversavam, brincavam e cantavam, a fim de torná-lo menos cansativo, transformando essa prática numa espécie de confraternização.

Vínculos de amizade eram criados, surgiam namoros, noivados e casamentos, já que esse era o único momento em que os pais deixavam as moças se aproximarem dos rapazes sem a costumeira vigilância. Além de ser um contexto de trabalho, a farinhada era uma ocasião em que as famílias envolvidas no processo de fabricação da farinha se socializavam.

A mecanização da produção alterou essas práticas tradicionais, afastando as famílias desse tipo de trabalho e minando esse rito de confraternização dos grupos rurais.

### **Fontes:**

- Michaelis: *moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1998.
- <http://www.seol.com.br/caico/farinha.htm> – Farinhada: Tempo de Trabalho, Tempo de Diversão. In: Seridó Antigo: História e Cotidiano – Casas de Farinha: Persistência de uma tradição?

## **Inspetor de alunos ou Agente de Organização Escolar**

Funcionário que atua como auxiliar de disciplina nas escolas, mantendo a organização nas dependências da instituição. Atualmente, na rede oficial de ensino do Estado de São Paulo, esse cargo é denominado de Agente de Organização Escolar.

### **Fontes:**

- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- VILLELA, Heloisa de O. S. “O mestre-escola e a professora”. In: *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

## Literatura de Cordel

Romanceiro popular, composto na maioria das vezes em versos, esse tipo de literatura é impresso em folhetos freqüentemente ilustrados com xilogravuras. Tomando como tema uma grande variedade de assuntos, a literatura de cordel era originalmente guardada e transmitida oralmente por cantadores, acompanhada de canto e música instrumental, e em linguagem popular. O seu ambiente mais forte é o Nordeste brasileiro, embora a migração dos nordestinos tenha produzido a difusão do cordel para outras partes do Brasil.

A literatura de cordel é assim chamada por causa da forma como são vendidos os folhetos, pendurados em fios de algodão (os chamados cordéis), nas feiras, mercados, praças e bancas de jornal, principalmente nas cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades. Essa denominação foi dada pelos intelectuais e é como esse gênero aparece em alguns dicionários. O povo, no entanto, a quem esses textos são dirigidos, refere-se à literatura de cordel apenas como *folheto*.

Essa literatura não existe apenas no Brasil mas também na Itália, Espanha, México e Portugal. Na Espanha, é chamada de *pliego de cordel* e *pliegos sueltos* (folhas soltas). A tradição dessas publicações populares remonta à Europa do século XVIII. Nessa época, difundiu-se entre os portugueses a expressão *literatura de cego*, por causa da lei promulgada por Dom João V, em 1789, que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação.

A literatura de cordel foi introduzida no Brasil pelos portugueses. No início, muitos autores desses folhetos eram também cantadores, que improvisavam versos, viajando pelas fazendas, vilarejos e cidades pequenas do sertão. Com a criação de imprensas particulares em casas e barracas de poetas, mudou o sistema de divulgação: o autor do folheto podia ficar num mesmo lugar a maior parte do tempo, porque suas obras eram vendidas por folheteiros ou revendedores empregados por ele.

Não há limite na escolha dos temas para a criação de um folheto, que pode narrar feitos de personagens regionais, histórias de amor ou acontecimentos importantes de interesse público.

Segundo Ariano Suassuna, a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser dividida em cinco ciclos, conforme a temática: o heróico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico.

Durante muitos anos, a literatura de cordel foi a principal forma de veiculação de informações no Nordeste brasileiro. A morte de Getúlio Vargas, por exemplo, vendeu 70.000 folhetos em quarenta e oito horas.

Hoje, os folhetos podem ser encontrados em alguns mercados públicos, como o Mercado de São José, no Recife; em feiras, como a de Caruaru; e em sebos de livros usados. Há uma coleção de folhetos de cordel, disponível para

consulta, no acervo da Biblioteca Central Blanche Knopf e no Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco.

#### **Fontes:**

- [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br) (Fundação Joaquim Nabuco)
- *Larousse Cultural* – Brasil Temático (verbete: cordel. In: Arte, Cultura e Educação). São Paulo, Nova Cultural, 1995.
- *Enciclopédia de Literatura Brasileira* – vol. 1 (verbete: cordel). Rio de Janeiro, Ministério da Educação: Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.

#### **Luís Gonzaga**

Luís Gonzaga do Nascimento, cantor, compositor e instrumentista pernambucano, nasceu em 13 de dezembro de 1912 e faleceu em 2 de agosto de 1989. Filho de um lavrador e sanfoneiro, adquiriu o gosto pela música ouvindo seu pai tocar em feiras e festas religiosas, e foi também com o pai que aprendeu a tocar.

Serviu o exército durante a Revolução de 30, e foi através dele que chegou ao Rio de Janeiro em 1939, onde iniciou sua vida artística, tocando em bares, cabarés, festas e até mesmo na rua. Participou do concurso de calouros do programa de rádio de Ary Barroso, em 1941, tornou-se conhecido, e foi contratado pela Rádio Nacional.

Grande compositor popular, foi o maior responsável pela divulgação da música nordestina em todo o país. Ao perceber nos migrantes nordestinos a carência de contato com sua própria cultura, passa a compor músicas com a temática sertaneja, como seus grandes sucessos “Asa Branca”, “Xote das Meninas”, “Cintura Fina”, “ABC do Sertão”, entre tantos outros. Ficou conhecido como o “rei do baião”, por ter sido o inventor e o maior representante desse estilo musical.

#### **Fontes:**

- [www.na-cp.rnp.br/~Murgel/MPBNet](http://www.na-cp.rnp.br/~Murgel/MPBNet)
- [www.cliquemusic.com.br](http://www.cliquemusic.com.br)
- *Enciclopédia da Música Brasileira: Popular, Erudita e Folclórica* (verbete: Gonzaga, Luís). São Paulo, Publifolha, 1998.

#### **Pitágoras**

Filósofo e matemático grego, teria nascido na Ilha de Samos, na Ásia Menor, durante o século VI a.C., e morrido em 504 a.C. Filho de ricos comerciantes, deixou sua região natal movido por aversão ao sistema político vigente, a tirania, e por volta de 530 a.C. fixou-se em Crotona, cidade da Magna Grécia, onde fundou uma comunidade religiosa de inclinação aristocrática baseada na



autodisciplina, no silêncio e na observância de práticas como a proibição de ingerir carne e sementes. Ensinou a doutrina da metempsicose ou ciclo da reencarnação, supondo a lembrança de vidas anteriores, e foi, juntamente com seus partidários, alvo de perseguições.

Devem-se a Pitágoras descobertas nos campos da Aritmética, da Geometria e da Astronomia, a tábua de multiplicação e o teorema que leva seu nome. Atribui-se também a esse filósofo a descoberta da base acústica e das proporções numéricas que suportam a escala musical e que deram início à interpretação aritmética da natureza. Esses experimentos inspiraram a concepção de que todo o cosmo pode ser explicado através dos números.

#### **Fontes:**

- Enciclopédia Didática de Informação e Pesquisa Educacional.
- Dicionário Oxford de Filosofia.
- Enciclopédia Mirador Internacional.

#### **Segundo Grau / Ensino Médio**

Etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, tem como finalidade consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando a continuidade dos estudos. Trata-se da preparação básica para o trabalho e a cidadania, aprimorando o indivíduo pela formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual. Além disso, enfatiza a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, devendo relacionar a teoria com a prática no ensino de cada disciplina.

#### **Fonte:**

- <http://meu.brtree.com.br/~pedagogiadestaq.html>

#### **SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial)**

Na década de 1940, a economia brasileira passou por uma grande crise, decorrente das sérias restrições impostas pela economia de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Uma nova fase de expansão da indústria, baseada na substituição das importações, exigia que algumas medidas fossem tomadas quanto à preparação da mão-de-obra industrial.

As Leis Orgânicas do Ensino Técnico, aprovadas em 1942, criaram o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), em convênio com as indústrias, no intuito de que esse órgão promovesse a formação rápida e prática do operariado, atendendo às exigências dos industriais.

Quatro anos mais tarde, em 10 de janeiro de 1946, o governo, em parceria com a Confederação Nacional do Comércio, cria o SENAC, também com o objetivo de oferecer educação profissionalizante à população, porém voltada ao

setor de comércio e serviços. O SENAC é uma instituição privada e sem fins lucrativos, mantida e administrada pela Confederação Nacional do Comércio. Possui unidades em todo o território nacional e oferece uma grande variedade de cursos profissionalizantes.

**Fontes:**

- [www.senac.br](http://www.senac.br)
- [www.cnc.com.br](http://www.cnc.com.br)
- [www.crmariocovas.sp.gov.br/exp\\_a.php?t=004](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/exp_a.php?t=004)
- CD-ROM “Memória em Multimídia”, do SENAC de São Paulo
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis, Vozes, 1984.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.